

Apresentação

O binômio educação-saúde vem marcando o cotidiano brasileiro desde os tempos coloniais. Questão relevante no discurso de diferentes atores sociais, educar para uma vida saudável teve significados diversos. Inicialmente concebida como “normas para o bem viver”, nas quais as preleções e conselhos ocupavam lugar de destaque: educar para a saúde, educação em saúde ou ainda educação e saúde foram transformando-se paulatinamente, embora ainda muito atreladas às políticas de saúde no intento de fazer com que as pessoas reflitam sobre sua saúde, reivindicando e participando das práticas que lhes são dirigidas.

Nossa intenção foi extrapolar esse horizonte e trazer para a discussão temas que, embora pareçam longe do campo da educação-saúde, lhe são constitutivos, contribuindo para (re)pensá-lo por meio de diferentes olhares. Assim o dossiê tematiza políticas públicas, mas também a constituição da escola e das crianças pautada pelas concepções higiênicas e eugênicas em voga em quadras da nossa história. Destaca aspectos importantes da atuação de agentes sociais em práticas de saúde que se fazem em espaços diversos: das academias às instituições escolares, dos saberes científicos espalhados entre leigos à memória que acionada em temporadas epidêmicas revela-se pedagógica. Enfoca subsídios da esfera do biológico para pensar desde “como se aprende” até questões ambientais permeando o processo educativo em nossos dias.

Nessa perspectiva, diferentes olhares estão focados sobre as relações entre educação em estreita vinculação à saúde. O olhar da história apresenta-se nos trabalhos de Vera Regina Beltrão Marques, Betânia Gonçalves Figueiredo, Liane Maria Bertucci-Martins, Heloísa Helena Pimenta Rocha e Jerry Dávila. A contribuição das ciências sociais foi trazida pelos trabalhos de Gilberto Hochman e Soraya Maria Vargas Côrtes. O olhar da biologia faz-se presente nos textos de Marta Pinheiro, Sonia Buck e Andréia Aparecida Marin. Antônio Gomes Alves Ferreira escreve sobre o entendimento médico-português acerca da concepção em período no qual o Brasil ainda era colônia portuguesa.

Seguimos o critério cronológico para apresentação dos trabalhos na intenção de facilitar a vida do leitor que acompanhará essa maratona de discus-

sões em variadas possibilidades de se pensar e abordar as relações em causa seja por meio de novas abordagens ou problematizações.

Abre o dossiê o artigo *A compreensão médica portuguesa sobre a concepção da criança no século XVIII* que, ao discutir o conceber das crianças no Setecentos, aponta: normas de comportamento moral e religioso já se associavam aos preceitos higiênicos em momento anterior ao movimento higienista, deflagrado no século XIX. O trabalho *Escola de homens de ciências*, estudando a Academia Científica do Rio de Janeiro na condição de escola formadora de homens de ciência, mostra que se apropriar da natureza tornando-a útil e rentável no século XVIII, também possibilitava a circulação da cultura científica que se ensinava e aprendia sobre as ciências naturais.

Em *Os manuais de medicina e a circulação do saber no século XIX no Brasil*, trata-se da mediação entre o saber acadêmico e o saber popular, apontando as relações entre educação médica para leigos e saúde como possibilidade de análise. Não pretendendo cair em “anacronismos”, cabe o registro da atualidade do tema, já que a educação vinculada à saúde vem inserindo-se na esteira da educação popular. Já *Memória que educa* investiga como o flagelo da febre amarela de 1889 influenciou as ações e reações das autoridades municipais e habitantes da cidade de Campinas, estado de São Paulo, ao receberem, em 1918, as notícias sobre a gripe espanhola ou influenza. *Inspecionando a escola e velando pela saúde das crianças*, por outro lado, discute a atuação profissional dos médicos-higienistas, entre o final do século XIX e as décadas iniciais do XX, em sua militância pela institucionalização da inspeção médica das escolas paulistas. Em *O valor social da branquidão no pensamento educacional da era Vargas*, salientam-se as propostas de cunho eugênico como arcabouço das políticas reformadoras empreendidas na era Vargas, pois eram elas que norteavam o pensamento educacional de médicos e educadores no período de 1917-1945.

O artigo *Reformas, instituições e políticas de saúde no Brasil (1930-1945)* descreve e analisa as principais mudanças institucionais e tendências políticas no setor da saúde durante o Primeiro Governo Vargas (1934-1945), destacando permanências e rupturas em relação ao período republicano anterior, assim como os impactos dessas reformas sobre a saúde pública no Brasil contemporâneo. A pesquisa *Arcabouço histórico-institucional e a conformação de conselhos municipais de políticas públicas* apresenta resultados parciais de estudo comparativo, em andamento, sobre os conselhos municipais de saúde, assistência social, direitos da criança e do adolescente, do Fundef, e das comissões municipais de emprego na Região Metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul.

Aspectos históricos da neuropsicologia fornece subsídios para formação de educadores no que se refere ao estudo das dificuldades e dos distúrbios de aprendizagem. *Educação para pensar questões socioambientais e qualidade de vida* demonstra que ter saúde encontra-se intimamente associado à qualidade ambiental na qual se inserem as sociedades atuais e o papel atribuído à educação em contextos de crescimento urbano desordenado.

Assim buscamos recuperar aspectos fundamentais do processo de institucionalização, seja de práticas médico-higienistas, seja de saúde, associadas à educação dentro ou fora da escola a pontuar a sociedade nacional desde, pelo menos, o século XVIII. Concepção, academias, epidemias, políticas públicas de diferentes matizes e objetivos, manuais de medicina ou gestão das políticas por meio de conselhos municipais, ambiente saudável como condição para se ter saúde, ou ainda, subsídios para análise da atuação de educadores, não ficaram fora de olhares inquiridores e dos aportes de várias ciências.

Cabe ainda agradecer aos renomados pesquisadores nacionais e internacionais que se engajaram nesse esforço de aqui trazer resultados de investigações na perspectiva de compreender as relações entre educação-saúde em diferentes contextos históricos.

Vera Regina Beltrão Marques e Marta Pinheiro